

RAZÕES QUE A “RAZÃO” DESCONHECE

Evans-Pritchard, E. E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Tradução Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 255 pp.

por Celso Vianna Bezerra de Menezes*

Nestes últimos anos, as editoras vêm apresentando um número substancial de novos lançamentos no mercado editorial brasileiro. Na área da antropologia, o crescimento no número de novas edições pode ser facilmente notado. Também é perceptível que, dentre estes lançamentos, os textos ditos clássicos vêm tendo lugar destacado por razões mercadológicas bem conhecidas. Novas edições e reedições vêm disponibilizando alguns textos antropológicos como: Bronislaw Malinowski, *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*; Franz Boas, *A Formação da Antropologia Americana, 1883-1911, Antropologia Cultural*; Raymond Firth, *Nós, os Tikopias*; Edmund R. Leach, *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*; Marcel Mauss, *Sociologia e Antropologia*; Claude Lévi-Strauss, *O Cru e o Cozido, Do Mel às Cinzas*; Pierre Clastres, *A Sociedade contra o Estado, A Arqueologia da Violência*. Cito estes de memória dentre vários títulos lançados. Entretanto, observamos que estes lançamentos revelam dois fatos: de um lado estamos ainda bem longe de uma “fartura” de títulos disponíveis; de outro que boa parte dos títulos tem de algum modo a interferência de alguma universidade pública e de seus programas de pós-graduação.

Entre os clássicos recém-lançados está à obra-prima de E. E. Evans-Pritchard, *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Publicada inicialmente em 1937, fruto de uma longa pesquisa realizada no Sudão durante a década de 1920, a obra ganha em 1976, três anos após a morte de seu autor, uma edição resumida que conta com uma importante introdução de Eva Gillies e com quatro apêndices não menos importantes. No Brasil ela foi publicada em 1978. Esgotada há muito tempo, raridade nas bibliotecas e sumida até dos sebos, ela agora é reeditada com a mesma ótima tradução de Eduardo Viveiros de Castro. É

* Professor da Universidade Estadual de Londrina. Pesquisador do Núcleo de Antropologia Performance e Drama (USP).

este, em sua “Nota do tradutor”, quem nos diz por que esta é uma obra clássica: as “análises aqui propostas tornaram-se clássicas, clássicas porque permanentemente novas”.

A obra é um clássico, pois como afirma Eva Gillies: até hoje seria impensável escrever sobre bruxaria, magia, religião, crenças referentes à causalidade, e mesmo sobre a sociologia geral do conhecimento sem mencionar o nome de Evans-Pritchard. Clássica também na sua forma tornou-se um exemplo da chamada monografia teórico-descritiva que, aliás, vai ter seu modelo mais bem acabado em *Os Nuer*, publicado três anos depois de *Bruxaria*: uma prosa elegante, descrições precisas, frases curtas e secas. Entretanto, como forma nunca se encontra desvinculada de um conteúdo, o texto de Evans-Pritchard, sóbrio e enxuto traz uma proposta teórico-metodológica também enxuta. A partir desta obra, rompe-se com o clássico modelo das monografias de descrição de “culturas totais” característica dos pré-funcionalistas ou dos funcionalistas das instituições a maneira malinowskiana, onde se exige o tratamento pormenorizado da economia, da organização política, da cultura material, das crenças e rituais, do conhecimento e da tradição etc. Evans-Pritchard está conscientemente à procura de uma abstração estrutural. Em suas próprias palavras, as quais, diga-se de passagem, valem por uma aula de antropologia:

Às vezes ouço dizer que qualquer pessoa pode observar e escrever um livro sobre um povo primitivo. Talvez qualquer pessoa possa, mas não vai estar necessariamente acrescentando algo à antropologia. Na ciência como na vida só se acha o que se procura. Não se podem ter respostas quando não se sabe quais são as perguntas. Por conseguinte, a primeira exigência para que se possa realizar uma pesquisa de campo é um treinamento rigoroso em teoria antropológica, que dê as condições de saber o que e como observar, e o que é teoricamente significativo. É essencial percebermos que os fatos em si não tem significado. Para que o possuam devem ter certo grau de generalidade. É inútil partir para campo as cegas (p. 243).

As etnografias alheias permitem ao leitor uma “viagem” sem sair do lugar, mas mais do que isso elas acabam por formar uma cadeia de temas, métodos e questões que são insubstituíveis, quer por manuais, quer por textos sobre metodologias; estas leituras

permitem ao antropólogo impregnar-se da longa experiência dos outros etnógrafos. Além disso, Evans-Pritchard nos mostra que o antropólogo estuda aquilo que encontra na sociedade que escolheu estudar: ele não se interessava por bruxaria, mas os Azande sim. O que sempre se passa é uma negociação entre os problemas do etnólogo e os problemas dos nativos, seria a busca pelo etnólogo do que o autor britânico chamou de causa socialmente relevante: a bruxaria fornecia a causa socialmente relevante do infortúnio.

Mas o que é a bruxaria entre os Azande? Eles acreditam que os bruxos herdam a feitiçaria, que esta é uma substância física encontrada em seus corpos e pode ser identificada por um exame após morte. No entanto, a bruxaria pode ser latente, ou seja, uma pessoa pode ser bruxo sem o saber. Assim sendo, não se pode ter certeza de quem é e quem não é bruxo. A bruxaria só se realiza com pessoas próximas umas das outras, geográfica ou hierarquicamente. Inferiores, superiores e moradores não vizinhos estão excluídos da desconfiança da prática de bruxaria, estes só são procurados entre os vizinhos e entre pessoas de mesma condição social.

Evans-Pritchard sustenta que o ponto principal da crença na bruxaria reside no fato dela fornecer uma explicação para infortúnios e um meio para combatê-los, mas faz questão de observar que os Azande não desprezam as causas físicas. Em um fato narrado pelo autor e bastante lembrado por todos os seus leitores, um homem descansa em um celeiro numa quente tarde. O celeiro onde ele descansa desmorona e o pobre homem morre. Todos sabem que o celeiro desabou porque suas estacas estavam corroídas pelos cupins, mas eles não supõem como nós, que a morte foi causada pela queda do celeiro, porém que foi bruxaria. Eles se perguntam: porque o celeiro não desabou quando não havia ninguém dentro? Seria fácil explicar o desmoronamento do celeiro: ele foi provocado pelos cupins. Fácil também explicar porque o homem se encontrava no celeiro: ele lá descansava e fugia do forte calor da tarde. Mas a pergunta importante para os Azande é: porque estas duas cadeias de acontecimentos tinham que coincidir num dado lugar e num determinado momento? Nós diríamos que foi obra do acaso ou da coincidência; os Azande ao contrário afirmam que foi bruxaria. Obviamente não se pode combater o acaso, mas pode-se combater os bruxos. A bruxaria explica o infortúnio e permite a reparação do “embruxado”. Os oráculos, divindades que consultadas, expressam uma verdade irrefutável, permitem que a vítima encontre o causador do seu infortúnio: normalmente este é um invejoso, um

desafeto, um inimigo da vítima. Quem mais poderia querer sua desgraça? O mais importante dos oráculos é o de veneno: ministra-se uma dose de veneno a uma galinha. É feita então uma pergunta que é respondida pela sobrevivência ou pela morte da galinha. Ao bruxo não resta defesa, mas tão somente a reparação a vítima ou a sua família.

A magia, o terceiro vértice do triângulo que forma a crença zande, os outros são a bruxaria e os oráculos, permite a cura da vítima. Permite também a vingança: descobrir o bruxo e matá-lo. “Assim, a morte evoca a noção de bruxaria; os oráculos são consultados para determinar o curso da vingança; a magia é feita para executar essa vingança; os oráculos decidem se a magia executou a vingança; depois da tarefa cumprida, as drogas mágicas são destruídas” (p. 228).

Na conclusão da obra, o próprio Evans-Pritchard reafirma a importância da negociação entre o etnólogo e a sociedade que estuda. Lembremos que, durante sua permanência entre os Azande, ele foi um contumaz usuário dos venenos e dos oráculos: “um modo tão satisfatório quanto qualquer outro de dirigir a minha casa e os meus assuntos”. Além disso, ele reapresenta um dos propósitos principais do livro, a tomada de posição em relação a uma questão central da antropologia: a racionalidade das práticas e crenças dos povos de tradição não ocidentais, objeto privilegiado dos vários estudos de Lévy-Bruhl de quem o autor se declara um grande devedor. Em suas palavras:

Estou ciente de que minha análise da magia zande sofre de certa falta de coordenação. O mesmo se aplica à magia zande. Os ritos mágicos não formam um sistema coerente e não há nexos entre um rito e outro. Cada um é uma atividade isolada de modo que eles todos não podem ser descritos de forma ordenada. [...] Com efeito, ao considerá-los juntos conferi-lhes uma unidade por abstração que não possuem na realidade. Espero ter persuadido o leitor de uma coisa — da consistência intelectual das noções azande. Elas só parecem inconsistentes se dispostas como se fossem objetos inertes de museu. Quando vemos como um indivíduo as emprega, podemos dizer que são místicas, mas nunca que são acionadas de forma ilógica ou acrítica (p. 225).

Enfim, esta obra tornou-se imprescindível no debate sobre a “natureza da racionalidade”, melhor seria dizer da “cultura da racionalidade”. Um zande está a procura não de causas e efeitos como nós, mas da causa última dos infortúnios. Ele percebe como eles acontecem da mesma forma como nós. Não vê um bruxo atacando um homem, mas um elefante. Não vê um bruxo derrubar um celeiro, mas cupins roendo seus esteios. Sua percepção de como os eventos ocorre é tão clara quanto a nossa. “A bruxaria explica *porque* os acontecimentos são nocivos, e não *como* eles acontecem [...] O que eles estão fazendo aqui é abreviando a cadeia de eventos e selecionando a causa socialmente relevante numa situação social particular, deixando o restante de lado” (p. 55).

Como nos disse Lévi-Strauss, o antropólogo pretende elaborar uma ciência social do observado, não do observador como a sociologia, somente assim ele pode pretender elevar-se não somente acima dos valores próprios da sua sociedade, mas acima de seus métodos de pensamento, ou seja, de modelar novas categorias mentais. Assim também nos diz o tradutor desta obra, um declarado estruturalista da “linhagem” de Lévi-Strauss: “é a este livro que a antropologia deve uma de suas principais contribuições ao pensamento contemporâneo, a saber, a constatação de que há muito mais bruxaria no céu e na terra do que supõe a vã burocracia da razão”.